

“TÁ VENDENDO AQUELE EDIFÍCIO, MOÇO?”: EXPERIÊNCIAS DOS TRABALHADORES COREAUEENSES NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA. (1956-1960) ¹

Cosma Silva de Araújo²

Telma Bessa Sales³

RESUMO: O foco dessa pesquisa é o processo migratório dos trabalhadores de Araquém do município de Coreaú- CE para Brasília no período de 1956 a 1960. Por meio da metodologia da história oral buscamos problematizar os significados elaborados pelos sujeitos para suas práticas sociais, valorizando as suas narrativas na composição das memórias. Analisando como eles viviam no contexto de uma cidade em construção.

Palavras-chave: Migração. Memória. Trabalho.

"SEE THAT BUILDING, SIR?": EXPERIENCES OF CIVIL CONSTRUCTION WORKERS IN THE CITY OF BRASÍLIA. (1956-1960)

ABSTRACT: The focus of this research is the process of migration of workers from the city of Araquém, Coreaú-Ce to Brasília within the period of 1956 and 1960. Through oral history methodology we seek to problematize the meanings produced by the subjects for their social practices, valuing their narratives in the composition of memories. Analyzing how they lived in a city under construction.

Keywords: Migration. Memory. Work .

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre os Trabalhadores cearenses na construção de Brasília surgiu no início da graduação, quando cursei a disciplina de história oral, quando realizei minha primeira entrevista com o senhor Benedito Teles Moreira morador de distrito de Araquém do município de Coreaú. Mas tive o conhecimento da migração dos Trabalhadores do município para Brasília ainda no Ensino Médio, nas aulas de História. A curiosidade do senso comum, logo foi tomando curiosidade científica.

Contribuí para a escolha da história oral como metodologia de Pesquisa as discussões e as experiências adquiridas no Grupo de estudos e pesquisa: Memórias no plural o qual tem como líder a Professora Telma Bessa Sales docente do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú. As discussões contribuíram fundamentalmente na minha prática, bem como a ética com os agentes da pesquisa, ao tratamento da fonte, manejo de depoimentos, transcrições e a produção final.

1 Resultado parcial da monografia de Conclusão de Curso em Licenciatura em História .

2Graduanda em História e Bolsista PIBID pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.Email: Cosmaaraujo@hotmail.com

3Doutora em História Social pela PUC/SP e Professora do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA-Sobral-CE. Email: telmabessa1@yahoo.com.br

Como resultado dessa pesquisa que já venho realizando desde dois mil e onze posso citar o artigo “Isso é conversa de candango”. Memórias acerca da construção de Brasília (1956 -1960) apresentado II Encontro Internacional de História, Memória, Oralidade e Culturas em 2012 na Universidade Estadual do Ceará – Fortaleza e ‘Experiências com trabalhadores migrantes’ apresentado no XXVII simpósio Nacional de História em Natal-RN.

Oscar Niemeyer faleceu recentemente, arquiteto que tem em seu currículo uma das obras mais conhecidas do mundo “Brasília” e no momento em que se comemoram os cinquenta dessa cidade, considerada patrimônio cultural da humanidade, é importante pensarmos nas pessoas que assim como Niemeyer, ajudaram a transformar um lugar no meio do nada, em uma cidade monumental, conhecida e admirada pelo mundo, que foi além de uma cidade planejada, se tornou também a capital do país.

Nesse sentido, existem obras recentes que tentam trazer para o centro do debate histórico o “trabalhador comum”, entre artigos, teses e livros podemos destacar; “Narrativas de um Candango em Brasília” de Heloisa Helena Pacheco “Análise das notícias sobre o incidente na Pacheco Fernandes em Brasília e as consequências da ausência do jornalismo” do jornalista Alexandre Nonato, e ainda podemos destacar a dissertação de mestrado de Reis (2008), intitulado “Cidade, trabalho e memória: os trabalhadores da construção de Brasília. (1956-1960)”. Ainda nessa perspectiva há o livro O Capital da esperança: Experiências dos trabalhadores da construção, Ribeiro (2008).

A partir desse referencial bibliográfico pudemos conhecer um pouco mais sobre o contexto geral da História de Brasília, sobretudo, no período da sua construção, essas pesquisas permitiram um alargamento sobre a temática que coloca em evidência a visão dos Trabalhadores, uma vez, que muitos desses autores utilizaram a metodologia da história oral em suas produções, como é o caso da Dissertação de REIS, que faz uma análise das entrevistas que fazem parte do programa de história oral do Arquivo Público do Distrito Federal, sobre o massacre ocorrido na Pacheco Fernandes Dantas.

Outra fonte importantíssima que contribuiu de forma significativa para análise conjuntural da construção de Brasília sob a perspectiva dos trabalhadores foi o documentário “Conterrâneos velhos de Guerra” de Vladimir Carvalho, uma epopeia da construção de Brasília, abordando temas tais como, a migração nordestina, condições de

trabalho, lazer, habitação, lutas e conflitos no cotidiano dos trabalhadores, narrativas estas contadas pelos próprios trabalhadores protagonistas da construção de Brasília.

O foco dessa pesquisa é a migração dos trabalhadores de Araquém no município de Coreaú- CE para Brasília no período de 1956 a 1960. Analisando como os trabalhadores viviam no contexto de uma cidade em construção e como suas experiências são significadas pelos mesmos.

Araquém é dos quatro distritos de Coreaú, o município é banhado pelo o rio de mesmo nome, localizada na região noroeste do Estado do Ceará, microrregião da cidade de Sobral, distante 270 quilômetros de Fortaleza. Segundo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), Araquém consta atualmente com 7 mil habitantes. Como em muitos lugares pequenos da região, é comum o movimento de saída de pessoas (inclusive os mais jovens) para tentar a vida em outras regiões do Brasil. Entre as cidades de destinos de preferência estão, Brasília, Rio de Janeiro, e, em menor escala, Zona Franca de Manaus.

No dia 05 de dezembro de 2012 uma notícia chama a atenção dos jornais e blogs locais, uma van que havia saído de Sobral com destino a cidade de Brasília ao chegar ao quilômetro 71 da BR-316, no Piauí colide com um caminhão ocasionando a morte de onze pessoas, dessas, três eram Coreauenses. O que parece ser apenas um caso comum de trânsito, guarda na sua essência trajetórias de imigrantes Coreauenses que tem uma relação com Brasília desde o início da construção da cidade e que permanece até os dias de hoje. Porém é necessário historicizar os fatos cotidianos. Os transportes mudaram, a conjuntura é outra, mas a necessidade de migrar ainda permanece nesses trabalhadores dessa região do Ceará, que vêm à migração para Brasília como uma alternativa para melhorar de vida. Arriscam-se de maneira quase que, clandestina á entrar na cidade.

Segundo Schimmit (2004), ao escrevermos sobre esses sujeitos sociais, necessitamos compreender a conjuntura dos eventos a partir da memória dos sujeitos. Assim, o trabalho com história oral permite que as narrativas deixem de ser de temas distantes para introduzir fenômenos históricos do município e região. Faz-se necessário entender que o trabalho utilizando a oralidade versa numa fonte diferenciada para captação de informações a qual está muito relacionada com o estudo da historia local.

Nesta perspectiva entender as trajetórias de vida desde os motivos da saída de Araquém até a chegada em Brasília e a volta ao Ceará, se coloca como uma necessidade, a partir da história Social. Portanto buscamos analisar, em certa medida, a

omissão da chamada “historiografia oficial” que não leva em conta a análise desses sujeitos, ou considerando de forma incipiente a participação dos “trabalhadores comuns” na construção da cidade. Em contrapartida a isso, objetivamos fazer uma reconstrução da história a partir das memórias dos trabalhadores migrantes cearenses e sua participação efetiva na construção da nova capital. Estes trabalhadores, sujeitos e protagonistas, após construção, preferiram, em grupo, voltar ao local de origem, e uns dos nossos objetivos é também entender porque não permaneceram na capital, como muitos dos seus conterrâneos.

Pretende-se refletir sobre o contexto da vida desses trabalhadores em Brasília e discutir por que eles não ficaram morando na capital como muitos outros trabalhadores que se instalaram nas cidades satélites, ao contrário daqueles, eles voltaram para o Araquém, mas cabe questionarmos as motivações para o regresso. Como se deu o processo migratório desses trabalhadores? Como era a vida de um candango em Brasília? Quais condições de vida, lazer, habitação e de trabalho?

Segundo Visodet (2008), o termo Candango foi social e historicamente construído, foi introduzido no Brasil através do tráfico negreiro com os escravos da Angola, era um termo pejorativo ao qual eles se referiam aos colonizadores portugueses. O termo aqui é utilizado para designar as pessoas do interior em oposição ao litoral, referindo-se aos trabalhadores pobres itinerantes do interior. Com os trabalhadores o termo chega a Brasília, durante sua construção o termo ganha outro sentido, passando a designar todos os que participaram da Construção da cidade, ou ainda, qualquer um dos primeiros habitantes de Brasília.

Mas, cabe fazermos uma reflexão mais aprofundada sobre as diversas motivações que fizeram com que, estes homens se envolvessem neste Projeto de Nação, foi apenas o desejo de mudar de vida? Ou estão envolvidas nesse processo questões mais complexas que merecem ser analisadas?

Numa perspectiva da história social, a pesquisa busca entender por meio da metodologia da história oral, as experiências vividas por estes trabalhadores, valorizando suas narrativas, evidenciando assim a importância desses atores sociais que vivenciaram e contribuíram de forma significativa para a construção de Brasília. É sobretudo um trabalho de memória, de reconhecimento desses atores sociais.

Foram utilizadas nessa pesquisa duas entrevistas, uma com **Benedito Teles Moreira**. Este nasceu em 1932 no Sítio Macaco no Município de Meruoca, hoje com

idade de 72 anos, é casado, aposentado e residente em Araquém distrito de Coreaú. E **Carlito Teles Cardoso**. Na idade de 73 anos, é casado, aposentado e reside no Distrito de Araquém.

Não muito diferentes de outros nordestinos, os Trabalhadores de Araquém na década de cinquenta se depararam com a necessidade de migrar para o Centro- Oeste, uma vez que, o país estava em processo de abertura ao Capital externo e se configurava um novo modelo econômico que pretendia acima de tudo uma Industrialização acelerada. Vale considerar também, as dificuldades advindas da seca, que impossibilitou o trabalho na agricultura que até então era a única forma de sobrevivência para os agricultores cearenses. Importa considerar os problemas com a prática da política local, pois na década de cinquenta, as relações sociais nas cidades do interior ainda sofriam com a política coronelística, que dominava a região com a politicagem local.

O Plano de Metas de Juscelino Kubstichec abrangia os seguintes setores: energia, transporte, alimentação, indústria de base, educação, e por ultimo a criação da Capital no Centro Oeste do País “no discurso inicial de sua campanha eleitoral á Presidência de 1956, Juscelino prometeu o que nenhum presidente havia feito: Construir a nova Capital.” (MILDER, 2011, p.04). Esta última se tornou a menina dos olhos do Presidente e seria a “Meta- síntese” deste, que se incumbiu da tarefa de não só construir uma Cidade, mas mudar a Capital do país.

Com a posse de JK, em janeiro de 1956, a ênfase do governo voltou-se para o processo de industrialização, concentrado do sudeste, e para a construção da nova Capital, Brasília. Para o Nordeste o governo criou um grupo de Trabalho, o GTDN (grupo de trabalho para o desenvolvimento do nordeste), que iniciou suas reuniões no ano seguinte, mas sem nenhuma interferência imediata nos rumos da política econômica Juscelinista, o DNOCS, responsável em última instancia pelo combate às secas foi entregue ao PSD, partido do presidente da República. Até 58 pouco ou nada foi feito previamente e nenhuma obra foi iniciada. (VILLA, 2001, p.175).

A revista Visão⁴em (09/10/1959) lança uma matéria de capa com o seguinte titulo “*O pesadelo da conformidade: como se padroniza metas, mentes e sonhos*”. Em outra matéria, apresenta no título algumas críticas ao plano de metas, a falta de incentivo à agricultura, “*Agricultura Sobrou: Meta sem vez*”. Em (23/10/1959) lança outra matéria de capa “*vai-se poder morar em Brasília*”? Podemos perceber que o

⁴Revista criada no Brasil na década de 50 pelo grupo Vision, que era de Nova York, privilegiou a cobertura política e econômica do país com liberdade para os profissionais da redação. A revista no início dos anos 60 passou ao controle de um grupo brasileiro liderado pelo advogado Braz Camargo, Mais tarde, a revista passou a ser controlada pelo publicitário Said Farhat.

discurso e interesse em desenvolver o país a partir da construção de Brasília, não convencia a todos, tendo em vista que muitos não estavam de acordo com a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília.

Candangos: Experiências múltiplas

A década de cinquenta, do século XX, foi um período decisivo para o desenvolvimento do país, com o objetivo de promover a interiorização do País e a tão sonhada integração Nacional. Nesse sentido, o governo de Juscelino Kubistchek marcou a política econômica brasileira com o modelo econômico conhecido como “50 anos em cinco”. A construção de Brasília assumia nesse contexto a representação desse governo de mudanças e muitas transformações no plano político e econômico do Brasil. “O grande desafio da nossa História estava ali: Seria forçar-se o deslocamento do eixo do desenvolvimento nacional. Ao invés do litoral que já havia alcançado certo nível de progresso- povoar-se o planalto Central.” (OLIVEIRA, 1975, p. 08).

A nova capital começou a ser construída em 3 de novembro de 1956 período que iniciou-se a construção de abrigos para os operários. Estes vieram de todo o Brasil, porém o maior contingente provinha do Nordeste e do centro oeste, sendo contratados pela construtora Pacheco Fernandes Dantas, Rabelo e outras construtoras. Saíram de sua realidade no interior cearense, rumo ao Centro- Oeste, para embarcar no sonho de Juscelino. Segundo Wilson Ibiapina⁵

Quando o presidente Juscelino Kubitschek decidiu construir a capital do País no Planalto Central, muitos cearenses se animaram com a oportunidade para mudar de vida. Pedreiros, carpinteiros, ajudantes de obra, agricultores, comerciantes, fotógrafos. Um contingente de 64.314 candangos que trabalharam febrilmente na construção da futura cidade⁶

Neste contexto, o Ceará sofre com uma grande seca, os agricultores de Araquém sem outras maneiras de sobreviver e sustentar suas famílias vê como alternativa a migração para o centro oeste, uma vez que as promessas de ganhar dinheiro eram grandes. Podemos perceber isto na fala de seu Benedito Teles Moreira, que viajou pela primeira vez em 13 de novembro de 1958. Quando indagado sobre os motivos de sua ida para Brasília ele responde:

⁵Jornalista cearense que fez carreira em Brasília a partir década de 60, hoje é Diretor da sucursal de Brasília do sistema Verdes mares de Comunicação.

⁶Força e garra dos cearenses na construção da Capital Federal. Disponível em:

<http://www.brasilia50anosdeceara.com.br/index.php/clipping/70-forca-e-garra-dos-cearenses-na-construcao-da-capital-federal>. Acessado em 17/03/2014.

A seca de 58, não tinha como a gente sobreviver aqui, né. Aqui só ficou as mulher aqui, os homem foram embora tudim, ficou só as pessoas mais velha, até o papai foi [...]vendeu um terreno aqui nos angicos pra poder viajar conseguir verba e deixar pra família cumê, né. Pra num deixar com fome[...] eu disse, pai eu vou embora pra Parnaíba trabalhar mais o ti Alfonso, ai ele disse -“não vai não” eu digo” -eu vou pai, vou fazer o que aqui, na seca no Ceará? O ti Alfonso já foi se embora eu vou fazer o que? Eu vou morrer de fome aqui? Ai tirei meus documentos e fui, ai no dia da viagem, as “vespas” da viagem chegou foi uma carrada lá, mais de quinze pessoas. (MOREIRA, 2011).

O Senhor Benedito Teles Moreira cita a seca como motivo para a viagem, mas sabemos que as pessoas não migram unicamente devido a seca, o que percebemos no seu relatos é que, os motivos vão muito além dos discursos de fuga da seca. Quando pergunto ao Senhor Carlito Teles Cardoso sobre as suas motivações ele responde sorrindo “os motivos, foi à seca mesmo, que nos fez ir” e em seguida completa “Tava em começo a Brasília, ai animaram a gente, e nós fumo.” Eis um trecho da sua fala:

“ Me arrependo assim, de ter deixado de trabaia aqui na casa do meu pai pra ir pra lá né, mas, ninguém foi obrigado, foi obrigado assim por que nos tava desamparado, né, mas não me lembro de o papai ter obrigado não, foi por livre vontade mesmo. [...] Animação dos outros naquela folia, a gente pegava e ia[...] pela folia mesmo [...] A folia, e também a gente conhecia né, a gente conhecia, a gente viver só num lugar só né, a gente andava também, né. (MOREIRA,2011)

Dona Francisca Teles Dourado esposa de seu Carlito estava presente na hora da entrevista, e sempre o ajudava a incrementar e enriquecer o nosso diálogo.

O negócio é quando se arrumam, começa se arrumar e as pessoas que querem ir animam, e as pessoas vão por animação [...] Muitos iam porque tava necessitados, os pais não tinha nada , deixou a família aqui, muitos foram trabalhar pra mandar pra família aqui. Às vezes por animação dos outros mesmo né, as pessoas se animam e vão por que precisão. Porque precisão ele não tinha. (DOURADO, 2011).

Assim, tanto na fala de seu Benedito Teles Moreira como na de Carlito Teles Cardoso, o discurso da seca aparece, mas ao contrario do primeiro que tem na seca o fator primordial para migrar, para o casal esse não foi o motivo maior e único, existiam outros como, a vontade de conhecer o novo, vontade de mudança de vida, as influencias dos outros trabalhadores, “Foi por folia mesmo”.

A viagem teve seu início em Araquém, onde os rapazes se reuniam para ir até Parnaíba no Estado do Piauí, onde eles ficavam mais uns dias, esperando o recrutamento de um grande número de pessoas, para que pudessem lotar o pau de arara e seguirem viagem rumo á Brasília.

Os Trabalhadores ao chegarem à nova Capital se depararam com outros povos

de culturas e línguas diferentes, adaptando-se ao clima completamente diferente do clima no sertão, em sua maioria transportada em pau-de-arara, sem o menor conforto passando dias e dias de viagem em estradas esburacadas em busca do desconhecido.

Seu Benedito Teles de Moreira conta que, na primeira viagem saiu de Parnaíba no dia 13 de novembro de 1958, chegando a Brasília no dia 17 de dezembro, passando mais de um mês viajando. Essa situação também é compartilhada por outros trabalhadores de todas as regiões do país. Chegando á Brasília ele se encontrava com seu padrinho Senhor Quinca, mas, como os parentes já moravam em casas pequenas e sem estrutura ele ficou nos acampamento da própria construtora, indo morar na vila Mauri na chamada cidade livre. Seu Benedito Teles de Moreira lembra com entusiasmo da inauguração da cantina na firma onde ficou pela primeira vez. Esta por sua vez é uma presença constante na sua memória.

Aí quando foi em dezembro, ou foi em março de cinquenta e nove, a firma inaugurou a cantina, ai fez a festa com todo pião, era galinha cheia, cerveja pra cada pião, cada pião tinha uma cerveja um pão confeitado, uma banda de galinha e uma cerveja na banca.[...]. É talvez, era uns pratinho de alumínio né? Se servia no balcão, no balcãozinho assim, que era cinco garçom né, botava uma coisa aqui, botava outra ali, ai chagava aqui na mesa derramava a comida lá, e não prestava mais, e ficava jogando na cantina, era um salanzão, lá cabia muita gente, cabia, essa casa aqui era pequena prá ela lá, porque lá era grande rapaz é quase, dava quais um quarteirão. Ai tinha cantina, tinha a sala de refeição, e tinha a cozinha, tinha açougue, a firma comprava todo dia quatrocentos quilos de carne e ossada lá ninguém comia não, botava a ossada lá, aquela ossada da melhor que tinha gostava, tinha um velho lá do lago Paranoá ia queimando aquilo bagulho lá pra não apodrecer né, aquela comida que sobrava, e nos pensava assim tanta gente passando fome no Ceará, gente morrendo de fome, e nós aqui instruindo comida aqui. (MOREIRA, 2011).

O senhor Benedito Teles de Moreira ao falar dos desperdícios com a comida demonstra o sentimento de solidariedade para com seus conterrâneos que não tiveram a mesma “sorte” que ele, que se encontravam no Ceará sofrendo com os problemas de falta de alimentação no período de seca. O que era jogado fora, para ele já seria de grande ajuda para os que ficaram.

Dos dois entrevistados ele é quem conta sua experiência com mais entusiasmo, afirma não ter tido dificuldade de se comunicar como os outros trabalhadores. Inclusive se comunicava com os engenheiros das obras, que eram em sua grande maioria estrangeiros, americanos, espanhóis, alemães e japoneses.É desta forma que Sr. Benedito Teles Moreira lembra este momento

A língua, a gente trabalhava e entendia, eu trabalhava com um espanhol que era MEU ENGENHEIRO, ele me pedia a minha metralha, ele

chamava de triciclo a gente compreendia, ele dava, fazia [...]o desenho nos fazia como ele mandava fazer, a parede, uma caixa, uma coisa. (MOREIRA, 2011).

O interessante é que ele, na sua fala em momento algum se coloca inferior aos demais trabalhadores. Ao contrario, coloca-se em pé de igualdade diante dos demais, quando ele diz “eu trabalhava com um engenheiro”, muitos diriam “eu trabalhava para um engenheiro” em seguida “que era meu engenheiro”, ou seja, nesse momento as hierarquias dentro do mundo do trabalho se invertem. Pois o mesmo tem consciência de sua importância na construção da cidade. É o que podemos perceber também na fala de Seu Carlito Teles Cardoso, como segue:

O cara lá, O MEU ENCARREGADO, queria que, eu viesse passear aqui, e voltasse de novo, ele mim dava pra mim passar um mês aqui na casa dos meus pais, quisesse voltar podia voltar, né, que ele recebia trabalhar na mesma firma, ai eu não fui não, fui essa vez e pronto, não voltei mais não. (CARDOSO, 2011).

Ouviram falar da construção de Brasília por um homem conhecido como Firmo Teles. Este, era natural de Coreau, morava e era proprietário de vários imóveis em Brasília, vivendo em constante viagem em busca de trabalhadores era o responsável por levar esses homens da Região para trabalharem na futura capital do país.

É, vinha até Coreau, Parnaíba, Araquém, levava, pegava daqui e levava lá, na primeira vez nós pegemo em Parnaíba, no pau de arara, dois pau de arara, duas carrada ele levou. [...] aí de lá, foi à família de tio Alfonso pra lá, ai nós fumo junto[...] daqui foram, desse carro que veio, pra sair daqui em dezembro, foi o papai, Pastor, Zé Portela, Franciné, cumpade Domingo, Expedito Aquinacio, Quinca Raimundo com a família, irmão do João Raimundo, foi com a família lá [...] (MOREIRA, 2011)

Seu Benedito Teles de Moreira exerceu as funções de carpinteiro e posteriormente de marceneiro contratado pela Construtora Pacheco Fernandes Dantas e pela ECRA. Trabalhou na construção da garagem dos ministérios diversas vezes, viajando três vezes. Pergunto por que ele viajou tantas vezes, ele afirma que era saudade da família, “ai o jeito que tinha era ficar andando”.

Eu fui em dezembro de cinquenta e oito e em maio de Cinquenta e nove, né. Ai passei aqui uns tempo, eu fiquei e o papai foi, E o papai voltou eu fui de novo pra lá. [...] ficava só chegando e voltando de novo. Ai, a derradeira vez, eu fui, cheguei em sessenta aqui, aí... Mim casei, aí não fui mais não. (MOREIRA, 2011).

No dia da inauguração de Brasília ele não estava lá para ver de perto o resultado de parte do seu esforço e dedicação

“eu até fiquei com medo porque a negada disse que ia rola bala e avião ia cair pedaço por pedaço, aí eu fiquei com medo, o papai assistiu a inauguração lá [...] não, eu assisti aqui mesmo, por [...] lista das rádios, não tinha televisão nesse tempo”.(MOREIRA, 2011).

Já Carlito Teles Cardoso na idade de 72 anos no momento em que a entrevista foi realizada, trabalhou na construção de Brasília nos anos de 1958 a 1959, exerceu a função de servente na construção do palácio do planalto, sendo contratado pela construtora Pacheco Fernando Dantas. Afirma ter chegado a Brasília no dia 17 de dezembro de 1958, em sua carteira de trabalho, a data de admissão nessa construtora é a mesma do dia de chegada à Cidade, o que podemos concluir é que eles já saíam de Araquém com certeza de que ao chegarem à Capital já estavam com seus empregos garantidos.

Muitos dos Candangos eram solteiros, mas, isso não exclui a participação dos homens casados, que viajavam com a família ou iam e mandavam dinheiro para os que ficavam, ou então, mandavam busca-los quando já estavam instalados em Brasília.

Chegavam à Cidade, iam procurar os familiares que já se encontravam por lá, ou iam direto para os acampamentos. A pressa por parte do governo pelo término das obras, fazia com que os trabalhadores virassem a noite e até os dias de domingo trabalhando, é o que podemos perceber na fala de seu Benedito Teles de Moreira. Sobre o ritmo de trabalho em Brasília ele diz “era direto, não tinha esse negócio de não trabalhar domingo. [...] Nós trabalhava domingo ali na construção, tinha que entregar as obras no tempo, [...] nós botava era pra valer mesmo, trabalhava direto, vinte quatro hora, doze hora, dez hora.”

Isso se devia ao fato de que o presidente queria terminar as obras e fazer a transferência da sede do governo para Brasília, antes que seu governo acabasse, ou seja, a obra de construção, que tinham começado em 1956 tinha data de início e de término.

Havia, pois dois motivos evidentes para a pressa: em primeiro lugar, o período presidencial de Kubistchek terminaria em 1961, e, de acordo com a constituição, o presidente não pode ser eleito para dois mandatos consecutivos. Ora êle evidentemente queria entrar para a história como fundador e construtor, até o fim de Brasília. Em segundo lugar, era certamente necessário, um tal feito violento, instigados por imensas

propagandas, para que a construção não se prolongasse até desvanecer o interesse público no mesmo. (SCHNEIDER,309).

Acidente, incidente ou massacre?

Um fato ocorrido durante o carnaval de 1959 é bastante lembrado pela maioria dos trabalhadores, fato esse alvo de várias versões. Há narrativas em que os trabalhadores apontam para um mesmo acontecimento, “um Incidente na Construtora Pacheco Fernandes Dantas” onde os trabalhadores da Construtora, ao reivindicarem por melhores condições de trabalho, sofreram com a violência da Guarda especial de Brasília – GEB. As notícias publicadas nos jornais no ano de 1959 sobre o ocorrido apresentam-se de forma bastante deferentes e ambíguas.

Dia 8 de fevereiro de 1959, domingo, segundo dia de Carnaval, um incidente, conflito ou trucidamento (conforme noticiaram os Jornais da época) um massacre [...] ocorreu no acampamento dos funcionários da construtora Pacheco Fernandes Dantas, durante a construção de Brasília, no governo de Juscelino Kubistchek. [...] A Guarda Especial de Brasília (GEB) reprimiu com violência um motim dos trabalhadores, ocasionando morte(s) e ferimentos. Depoimentos de vítimas sobreviventes contam que o conflito com a GEB foi o ápice da indignação dos trabalhadores quanto aos tratamentos que recebiam na Pacheco Fernandes Dantas. Apesar da razoável remuneração, muitos reclamavam das condições de trabalho, da precariedade da comida, da pressão para trabalho ininterrupto visando cumprir os prazos de entrega. (NONATO, 2009, p.09).

Segundo Nonato (2009), a repercussão do massacre foi pouco divulgado na mídia, apresentando-se de forma dúbia, na versão oficial, apresenta um morto e três feridos. Ainda para ele “o único jornal que enviou jornalista [...] foi o binômio, jornal esse de oposição a Juscelino Kubitschek, desde os tempos em que era Governador mineiro”. (Nonato, 2009, p.) Assim, apontamos para várias lacunas na história da Construção de Brasília, que tende a cair no esquecimento, em detrimento dos discursos de exaltação da mesma.

O episódio do massacre dos operários está cercado por uma série de versões que se dividem em dois eixos: de um lado, os representantes do governo federal que afirmaram ter sido um episódio sem relevância, e somaram a eles as notícias publicadas dias após o acontecimento pelos grandes jornais do país, e de outro, os depoimentos de trabalhadores e profissionais de Brasília e as matérias publicadas pelos jornais Binômio de Belo Horizonte e O Popular de Goiânia. (SOUSA, 2011,08)

Os trabalhadores de Araquém lembram desse massacre ocorrido na Pacheco, quando pergunto ao seu Benedito Teles de Moreira, se era só trabalho se não tinha diversão, ele responde “a diversão que nos tivemos lá foi, era peia que nós pegamos lá,

houve foi bala, morreu até gente no canteiro da Firma lá”, referindo-se ao conflito que houve na Pacheco Fernandes Dantas. A lembrança do massacre aparece de forma espontânea em suas falas. Na versão de seu Benedito, o conflito começou quando dois paraibanos na tarde de domingo, chegaram da cidade bêbados e começaram a fazer barulho com pratos na cantina. Fazendo com que os encarregados chamassem a polícia. Dois policiais foram enviados ao local, no intuito de prender os paraibanos, porém os mesmos não foram páreo para o número de trabalhadores, que se reuniram para defender os companheiros de Trabalho. E expulsaram os policiais com xingamentos e ofensas.

Isso foi no dia oito de janeiro de cinquenta e nove, nós trabalhava numa firma lá, um dia, a negada se embebedaram lá na Vila Mauri que era pertinho do acampamento, nós ia pra lá toda noite né, ai chegaram lá, com a cara cheia de cerveja, os paraibanos [...]. Aí chegaram um dia quatro horas, dia de domingo, começaram a fazer barulho de prato lá dentro da cantina, o empregado da cantina deu parte á NOVACAP, a NOVACAP mandou dois policiais, - seembora rapaz, nós viemos buscar os rapaz que bagunçaram aqui a cantina, isso de quatro hora pra cinco hora da tarde [...] subiram o portão ai foi lá, ai os paraibano foram botaram obstáculo lá, - que rapaz? - cêsvão vão levar ninguém aqui não! -não rapaz borá levar os homens, cês num bagunçaram”? - Pode deixar os homens, cêsvão levar ninguém. Ai ficaram -magoide corno, veado, cês leva ninguém”, ai tudo bem, passou, passou, quando as coisas já tinha esfriado, aí troquei de roupa e fui a Vila Mauri.(MOREIRA, 2011).

O que os trabalhadores não esperavam é que a GEB pudesse voltar ao acampamento, ainda segundo seu Benedito isso ocorreu por volta de nove á dez horas. O mesmo afirma que como de costume ele acabara de chegar da vila Amauri, quando trinta e um soldados invadem o acampamento, agindo com violência contra os trabalhadores. Nesses trechos podemos ter uma noção de como a situação no local ficou tensa.

Eu cheguei da Vila Mauri nove hora, cheguei tomei banho, me deitei no barraco, aí só vi a bordoadá na porta, aí começou o tiroteio **té,té,té**, [...] Começaram do portão logo, do canteiro da obra e ai botou todo mundo pra fora dos barracos, metero bala lá, ai empurraram o pé, ainda peguei um machucado nesse dedo aqui, ai e [...] quando eu pulei a porta pra sair pra fora, era bala zinindo no meio de todo mundo, quando eu saí as duas

policias tava na porta, eles meteram o pé na porta, eles derrubaram a porta e eu ia sair, ai tacou com a borracha pegou nesse dedo aqui e no ombro, passei foi dia doente. Ai foi quando eu saí, ele disse; “rapaz não bate nesse menino ai que ele é de menor” eu era quase de menor mesmo, ai botou todo mundo pra fora, trinta e um soldado [...], ai fez uma fila, o soldado passava de um por um e metia a chibata, pá! [...] depois eles foram catar os mortos [...]. Apanhemo sem saber, apanhemo inocente eu foi um, eu não sabia o que tinha acontecido lá não, o barraco todo furado de bala, as camas dos meus tios que morava lá, minha família que morava em Brasília no bandeirantes, e ficava lá, por que o quarto é pequeno, ele dormia na firma, lá a bala atravessava a parede do barraco e saia [...]o Quinca Albuquerque, o ti Alfonso tivesse lá, ele tinha murrido, murrido dormind [...]. O papai tava num barraco lá, ele o Mané Cordeiro, o Custodio, no barraco tinha gente doente com febre, gripe, eles chegaram meteram o pé no barraco quebraram, ai olharo pra dentro só tava só os três lá numa cama, “você o que tão fazendo ai? nós não tem nada haver com isso, nós tamo aqui doente, aqui dois mês gripado com febre”, ai saíram, e debaixo do barraco dele desceu um com uma bala na virilha, lá ele morreu, debaixo, ai a policia catou, aí levaram.(MOREIRA, 2011)

Ainda sobre a sobre a violência ocorrida no local Carlito coloca da seguinte forma.

[...]Aí chegou dois carros cheio de policia, ai foi logo entrando no acampamento e atirano no guarda, os guarda no portão correram ai eles entraram na acampamento, ai açoítaram a peaozada que tava nos barracos, já trancado pra dormir, já era quase onze hora da noite, mataram parece que bem uns dois ou três, açoítaram um bocado, ainda deixou um bocado de gente preso tudo no quarteirão de uma barraco lá, uma multidão de gente, lá tudo trancado, preso pra não sair dali, ai eles levaram tudo, foram se embora. [...] Corremos, corremos, nós corremos ea bala zoando, passava do lado, eu só não morri por um milagre de Deus, a bala entranchava assim [...] Mataram até um pião debaixo do nosso barraco, eles mataram, era até um pintor, eles atiraram nele, ele era até de Parnaíba esse cara que eles mataram, o cara foi reagir né, tomou o revólver da polícia que tava em cima dele, ai o outro chegou atirou nele, matou ele em cima do cara.(CARDOSO:2011)

A Guarda Especial de Brasília tinha funções muito claras “Era um efetivo pequeno: 25 homens contratados sem critérios para a função. Essa polícia agia com intimidade para intimidar as pessoas. Em 1958, foi criada a guarda especial de Brasília, melhor equipada e com efetivo maior de homens.” (CARDOSO, 2004,175).

Na fala de seu Benedito apesar da policia ter agido com bastante violência, até mesmo contra os trabalhadores que não estavam sabendo o que estava acontecendo, os policiais parecem ter uma ética, quando dois policiais encontram seu Bendito, um deles intercede por Benedito, pois o mesmo ainda era menor de idade. Outro momento que podemos observar essa postura ética dos Policias presente no discurso de seu Benedito é quando, seu pai e outros dois companheiros que se encontravam doentes se livraram da violência.

[...] Já tinha um **bucado** de gente já morto, eles ficaram com medo, pegaram um monte e botaram numa caçamba da firma, até uma F600, né, era uma f600 a caçamba amarela, ai pegaram foram embora, os encarregado da firma, mandaram aquietar lá e mandaram dormir, né, nós fumo. [...] Pois é desapareceram, no acampamento 22 e não apareceram mais não, eu sei que um bocado morreu.(MOREIRA:2011).

Na versão de seu Carlito, o conflito pessoal entre dois Trabalhadores foi estopim para o massacre.

[...] Na hora da refeição, começaram a confusão lá, ai o cara foi, largou o garfo na barriga do outro, ai chefe da cantina, foi tomar as providências, sabe? Ai chamou a policia, veio três polícia, buscar os caras que brigaram, aí a policia chegou, chegou um **bocado** de pião pra não deixar levar os caras que brigaram, ai a policia saiu, era um bando de gente, três policia não podia agir.

Apesar das versões apontadas pelos dois entrevistados serem diferentes o sentimento de coletivismo está presente tanto na fala de seu Benedito como na de seu Carlito, pois os Trabalhadores ao se reunir para defender os seus companheiros demonstram um sentimento de coletividade presente na vida dos migrantes na capital. Esse sentimento que estava presente no cotidiano dos trabalhadores aparece em outros momentos durante a entrevista, é manifestada na ajuda oferecida pelos conterrâneos, quando seu Benedito chega à cidade.

As falas dos entrevistados apontam para consequências desse “Incidente” uma greve feita pelos operários, estes que, mesmo sem se darem conta do que estava acontecendo (refiro-me os casos específicos) participaram do primeiro movimento Sindical na Nova Capital. Senhor Benedito Teles Moreira afirma que, assinou uma carta, mas não sabia de fato o conteúdo da mesma.

[...]já tinha um escritório que nos inauguremos na noite de Natal esse escritório era todo na vidraça, pertinho do canteiro, ai fumo quebrar isso ai, ai os engenheiros passaram na frente, mas os encarregados, pedindo pelo o amor de Deus que não quebrasse “então por que cês mandou açoiar nós? Aí, com pouca, chegou os caminhão, da firma, chegou gente dos sindicato, enchemos dois caminhão de pião e levemo pra sede do sindicato no Bandeirante, ai fiquemo lá, ai quando foi duas horas tinha lá a fila de carro na bandeirantes tudim pra assinar não sei o que lá, nós, a firma parou oito dia [...]nós queria quebrar o escritório pedindo as contas, e não queria pegar mais peia, ai mandaram calmar, calma e até, ficaram assim quebrando, eles fizeram fila, o padre Roque, os encarregados, os engenheiros da firma o Doutor Fausto, oia era até, três, doutor Pedro, doutor Pacheco, e doutor Fausto que era os engenheiro da obra da Pacheco, que chama Pacheco Fernandes Dantas, que era o nome dos engenheiro era o nome da firma. [...] Tava lá o exercito, ficava olhando assim pra nós, ai nos ia quebrar mesmo, mas, como o engenheiro fez barreira e o padre Roque, nós calmemo, mas nós ia tudo armado de pedra. [...]é por causa da violência, nos tava violentado, ai tava todo

mundo enraivado, ai queria sair da firma né, [...]a gente dizia “vombora quebrar” nós tamos querendo as contas hoje” e era aquela bagunça lá, [risos]: Não, dizia assim “calma meu povo, vamo calmar que passou que passou” [...] o que eu sei que nos assinemo uma folha lá, e viemos se embora. (CARDOSO, 2010)

O fato do massacre marcou profundamente a vida dessas pessoas, no momento da entrevista essas lembranças vinham involuntariamente, seu Benedito Teles de Moreira, por exemplo, no meio do nosso dialogo, quando pergunto sobre a diversão ele responde ironicamente “a **diversão** que tivemos lá foi peia que a gente pegou,” já seu Carlito Teles Cardoso relembra quando pergunto sobre a ocorrência de **acidentes**, ele responde sorrindo que “na época que eu tava lá não teve não, né, acidente que teve lá foi só pisa mesmo.” O primeiro associa diversão á violência e o segundo considera um acidente o fato ocorrido naquele domingo de carnaval.

No artigo “O massacre de Pacheco Fernandes Dantas em 1959: memória dos trabalhadores da construção civil de Brasília” Sousa (2011), faz uma análise da violência no cotidiano dos acampamentos e nos canteiros de obras na cidade no período em questão.

Outro documento que contém registros desta época é o já citado filme “Conterrâneos velhos de Guerra” Carvalho(1994), também trata da questão.

Na obra fílmica o cineasta apresenta discursos que tentam negar o massacre dos trabalhadores da Pacheco, evidenciando ainda descaso do poder público com os candangos que de pioneiros passaram à invasores na nova capital. Quando indagado pelo Vladimir Carvalho, acerca da “chacina”, Oscar Niemeyer, afirma desconhecer o episódio, já Lucio Costa, também não reconhece que houve um conflito, considerando “episódios do ponto de vista da construção da cidade, só episódios, não tem a menor importância, [...] Isso é conversa de candango, homem de praça”.

Estas diferenças de análise e pluralidades de opiniões nos fazem refletir sobre a dicotomia da cidade utópica, moderna e democrática e da esperança que transformou – se em capital do desespero e da exclusão para muitos que a viram e a fizeram nascer.

O referido documentário mostra ainda a versão da historia dita oficial, que exclui a Gente Comum, mostra que a verdade ou versão que nos é imposta, é um mero discurso e que por traz dela há outras memórias a serem desvendadas e reveladas e a história oral permite essa revelação, e assim apresenta as varias versões sobre o mesmo fato.

O filme supracitado começa com uma problematização, citando o poema de Bertolt Brecht “quem construiu a Tebas de sete portas? Nos livros estão os nomes dos reis. Arrastaram eles os blocos de pedras? E ainda para onde foram os pedreiros na noite em que a muralha da china ficou pronta?” parafraseando Brecht, podemos perguntar quem construiu Brasília, Patrimônio Cultural da Humanidade? E ainda, onde estavam os trabalhadores da construção civil de Brasília, no dia da instalação oficial do governo no planalto Central? E aonde foram parar esses trabalhadores após a transferência dos setores do Governo para o planalto Central? Qual o pedaço da cidade que lhes restam, e qual o pedaço da história que lhes cabem?

Quando as construções terminaram, e a sede do governo foi transferida para Brasília, não houve mais “espaço” para os candangos, sem instrução, muitos foram incentivados a voltar aos seus locais de origem, ou tiveram de migrar para as cidades satélites que foram sendo constituídas paralelas ao plano piloto. Concordamos com Junior (2008) quando ele coloca que:

Ao colocar em cena, os trabalhadores que ergueram a cidade, o que surge é uma divisão entre a cidade pretendida e a realizada, o elo delas está no sujeito, que constrói a história: o trabalhador. [...] as memórias dos sujeitos trabalhador-migrantes podem ser a experiência de choque. Realizam-se num cotidiano de relações sociais conflituosas, degenerativas e excludentes, ao mesmo tempo numa memória afetiva e nostálgica.” (Júnior, 2008, p. 37).

As narrativas e a metodologia

Entende-se que as novas perspectivas historiográficas, e as transformações da sociedade contemporânea, têm permitido buscar e aprofundar as relações entre memória e História. Deste modo, possibilitando também o debate sobre a necessidade ética empregada no exercício do pesquisador, portanto, consciente desta gama de possibilidades, entendemos que o ato de entrevistar é uma relação que se constrói entre as pessoas envolvidas, com diferentes trajetórias e saberes plurais, deste modo, em dialogo como Portelli, "A entrevista é um momento no qual se encontram experiências de vida diferentes".

Assim, vai se constituindo uma maior proximidade, o que chamamos de teias das relações sociais e por extensão a própria história, “O processo de investigação não cabe em esquema prévios, e as categorias que servem de apoio ao trabalho serão construídas no caminho da investigação”. (KHOURY, 1989, p. 09). De tal modo, apesar de nós estabelecermos objetivos e traçarmos caminhos no momento inicial da pesquisa para alcança-los, podemos tomar outros rumos, pois os conteúdos das entrevistas é que

irão indicar as pistas sociais trilhadas pelos sujeitos, que pretendemos desvendar na pesquisa.

No trabalho com a história oral a versão dos Trabalhadores é colocada em confronto, mas não como verdade dos fatos, o que importa aqui, é percebermos como essas lembranças vêm à tona e os significados atribuídos por eles a ela. “O interesse está no que no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetua-se na história de suas vidas.” (BOSI, 1995, p.37).

Durante a realização da pesquisa foram realizadas entrevistas temáticas, que contem dados biográficos dos trabalhadores, abordando os motivos para migração, onde trabalharam e quais locais que trabalharam, o cotidiano nas obras e motivos para a volta ao Ceará, apesar de muitos trabalhadores cearenses inclusive colegas e parentes dos entrevistados terem ficado na capital

É claro que não seguimos a risca o roteiro, pois este serve apenas com suporte, pois as entrevistas são acrescidas perguntas de acordo com as especificidades dos entrevistados, perguntas livres de interesse na trajetória de cada trabalhador. Concordamos com Sônia Maria de Freitas quando ela diz

Que um bom desempenho na realização de uma boa entrevista depende de conselhos e informações obtidas de livros e manuais específicos sobre o método da História oral, mas esse bom desempenho está diretamente vinculada à Práxis. Saber entrevistar se aprende entrevistando (FREITAS, 2002:94).

É importante ressaltar que todas as entrevistas foram marcadas com bastante antecedência, foram feitas conversas informais, para adiantar o assunto, todas foram realizadas nos locais escolhidos pelos entrevistados, respeitando a autonomia destes. A forma da conversa foi gravada em áudio e vídeo, pois na história oral além da voz a imagem gestual é muito importante na análise das entrevistas. As entrevistas possuem carta de sessão de direitos assinada pelos entrevistados, alguns mesmo sendo analfabeto conseguem escrever o próprio nome. A carta de sessão, o trato com a entrevista, deixar claro para eles o andamento na pesquisa é um cuidado que tenho tomado.

A pesquisa utilizando a metodologia da história oral não é fácil, exige muito trabalho e dedicação. Como já sabido, nós pesquisadores ajudamos a construir a fonte, nesse caso a entrevista, é muito diferente das outras fontes como jornais, cartas e outros que foram criados para outros fins; a entrevista é construída para fins específicos e possui especificidades, por isso, devemos tomar bastante cuidado quando formos

trabalhar essa metodologia.

Segundo Borges (2012), as fontes orais se destacam entre as multiplicadas fontes que possibilitam o estudo da história do tempo presente, por seu caráter de testemunho vivo. É carregada de contemporaneidade entre testemunha e pesquisador, ultrapassando assim sua qualidade de fontes, tornando-se um privilégio do pesquisador e funciona como um instrumentos de problematização da memória, possibilitando novas investigações.

No trabalho com a investigação histórica podemos perceber como as pessoas vivenciaram o passado e como se colocam no presente no momento da entrevista. Sabemos também que “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento, frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou despedida no portão”. (BOSI, 1995p. 39).

No trabalho com a metodologia de História oral o entrevistador (pesquisador), que quase sempre é visto como “intelectual”, nesta condição se coloca, a saber, o que o narrador tem a lhes contar acerca do seu objeto de pesquisa, “O protagonista”, passa a ser o seu depoente, ou melhor, o seu narrador. Saber ouvir é uma das missões mais importante no exercício da pesquisa na prática da história oral. E é nessa “dança a dois” que vai se constituindo uma relação de diálogo e confiança, onde não só perguntamos, mas também respondemos, por que queremos saber suas histórias, ouvindo tudo o que interessa e o que não interessa na nossa pesquisa, respeitando também os limites impostos pelo o narrador, que muitas vezes, não são propriamente dele, mas que são próprios da memória, no momento em que se coloca a narrar, como esquecimentos, avanços e recuo no tempo e no espaço.

Quando trabalhamos com essa metodologia devemos tomar alguns cuidados, o primeiro ponto que deve ser considerado é saber que “as entrevistas trazem os significados da vivências dos depoentes e ler suas narrativas como enredos, nos quais o individual e social se mesclam na tessitura das derrotas e vitórias, dos desejos e das frustrações, levam-nos às pessoas e às suas interpretações sobre o vivido”. (CARDOSO, 2004, pg. 175). E não uma busca da VERDADE dos fatos.

Em 21 de abril de 2010 nas comemorações dos 50 anos de Brasília o Jornal Diário do Nordeste lança uma matéria sobre esse dia tão esperado, esse “espetáculo”.

Aos primeiros minutos do dia 21 de abril de 1960, o cardeal português dom Manuel Gonçalves Cerejeira, representante do papa João XXIII, deu início à celebração de uma missa solene, na Praça dos Três Poderes. A revista O Cruzeiro conta que sobre o altar, erguia-se a cruz de ferro que, 460 anos antes, abençoara a primeira missa em terra brasileira, rezada por frei Henrique de Coimbra, capelão da esquadra de Pedro Álvares Cabral. Trazida do museu da Sé de Braga, em Portugal, a velha cruz não foi à única relíquia incorporada à solenidade: minutos mais tarde, no instante da Consagração repicou o sino cujo toque teria anunciado em Vila Rica a execução de Tiradentes em outro 21 de abril, o de 1792. Nesse momento solene, as luzes da praça, até então apagadas, se acenderam teatralmente, ao mesmo tempo em que dois potentes holofotes miraram o céu, cortando com seus fachos coloridos o breu da noite Planaltina. [...]A imprensa de todo o mundo deu destaque ao evento. **Houve parada militar em homenagem aos 64 mil candangos, que trabalharam na construção. Eles desfilavam com suas "roupas de domingo" em meio aos mais de 150 mil convidados.**⁷

Podemos perceber que o discurso de exaltação do presidente herói ainda permeia os meios de comunicação dominante. Não é de duvidar que dia 21 de abril de 1960 seja data importante para história do país, uma vez que é o dia em que é oficializada a transferência da sede do governo do Rio de Janeiro para Brasília. O ato mais esperado de todos os anos 50 estava acontecendo naquele momento, onde todas as pessoas das mais longínquas regiões do País estavam com a atenção voltada para aquele evento, muitos esperaram ansiosamente por esse dia, em que o momento mais esperado era o discurso do Presidente JK. Paralelo a tudo isso, voltamos à pergunta onde estavam os demais trabalhadores da construção civil nesse momento?

Seu Benedito Teles de Moreira e seu Carlito Teles Cardoso assim como muitos moradores da cidade de Araquém, no município de Coreaú-Ce, que migraram para trabalhar na construção da cidade não se encontravam presentes, eles estavam em suas casas, assistindo pelo rádio o discurso proferido por JK na sessão solene de instalação do governo no Palácio do Planalto. Nesta data a cidade ainda não passava de um acampamento com poucos prédios construídos e muito ainda por ser feito, este ato marcou simbolicamente a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília.

Seu Carlito Teles Cardoso fala que estava na inauguração da cidade, mas, sua esposa que estava presente na hora da entrevista, o corrige dizendo que ele não estava nesse dia e o faz lembrar que nesse dia já havia chegado de viagem, o que ele queria dizer é que assistiu a inauguração do palácio da alvorada em julho de 58.

Como Trabalhamos com a metodologia de história oral, devemos considerar

⁷Brasília 50 anos de Ceará. Disponível.

<http://www.brasilia50anosdeceara.com.br/index.php/clipping/72-21-de-abril-de-1960?tmpl=component&print=1&page>. Acessado em 17/03/2014.

que uma coisa é o fato narrado outro é o fato acontecido, assim devemos estar atentos que as narrativas que analisamos nessa pesquisa dizem respeito, a fatos que se fazem importantes para os narradores, no momento que eles narram essas memórias, ou seja, fatos que serão evidenciados por eles são fatos significativos para eles. Desta forma assinala Yara Khoury:

Nosso propósito de lidar com as narrativas como práticas que se forjam na experiência vivida e que, também, intervém nela, nos coloca o desafio de adotar e desenvolver procedimentos que nos possibilitem apreender o trabalho da consciência e incorporá-lo na explicação histórica. Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu ponto de vista. Nesse sentido, temos enredos como fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre social e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delineiam horizontes possíveis da realidade social. (KHORY, 2004. P.125).

Portanto, pensar a vida dos candangos Araquenses em Brasília, implica não só entender, como esses homens viviam no seu dia a dia no contexto de uma cidade em construção, revela como eram construídas as relações e condições de trabalho, nas cantinas, nos acampamentos, nos canteiros de obras. Para estes homens Brasília não representou apenas um espaço de trabalho, mas, também um espaço de sociabilidades e de lutas. “Nessa dimensão, trabalhar memórias significa trabalhar como o campo de disputa e diálogo”. (SALES, 2009,178).

Levando-se em conta a possibilidade do esquecimento, convém retornar a este tema diversas vezes, não para repetir as análises que já existem, mas vê-lo de uma maneira sempre renovada, com outras abordagens, para assim, dificultar o seu esquecimento, buscando dialogar com as experiências destes sujeitos sociais, com os modos de vida e relações constitutivas de suas culturas.

Apontamos para a memória coletiva do grupo, uma vez que, os senhores interlocutores e selecionados para as entrevistas tem uma história social comum: ajudaram a construir Brasília, migraram na mesma época, e retornaram ao lugar de origem, mas cada um com um carga de experiência diferenciada. “A transparência dos idosos se torna mais valiosa na compreensão das experiências sociais, pois as práticas cotidianas trazem à baila aspectos, antes menosprezadas, mas que complementam ou constitui versões antes consagradas”. (JUCÁ, 1996, 34).

Essa memória coletiva pode desvendar praticas sociais comuns guardadas pelo

Grupo, porém conhecer as individualidades de cada grupo implica como cada um percebe e conta os acontecimentos vividos por ele e pelo grupo, que evidencia também uma memória individual.

Pensar a história através das narrativas dos próprios entrevistados significa inserir na História da construção de Brasília, novos sujeitos sociais. Significando também, a ampliação do campo da pesquisa histórica e outras possibilidades de interpretação.

[...] entender como pessoas e grupos experimentam o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas. [...] A capacidade de a entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica- isto é, permite a “mudança de Perspectiva” (ALBERTI, 2004, P.26).

Os trabalhadores de Araquém além de terem sofrido influências da cultura diversificada manifestada por diversos povos, também foram importantes para a construção das identidades da população brasiliense. Hoje, pensamos em qual o pedaço da cidade lhes cabe? Muitos filhos, netos dos trabalhadores, moram em Brasília, nas cidades satélite, muitos vivem em Taguatinga, visitam a cidade de Araquém em época de eleição e em festejos, como todos têm vidas estáveis com empregos acabam voltando para a capital.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Quando pensamos os discursos que exaltam Brasília como uma “capital da esperança” devemos considerar o processo de construção da mesma. Construída para quê? Para quem? E por quem ela foi construída? Ela é considerada pela UNESCO como patrimônio da humanidade, sendo uma das cidades planejadas mais elogiadas do mundo, mas “uma cidade planejada pode na melhor das hipóteses ser bela quando os planos não tem ambição de se estenderem até a última cabana” (SCHNEIDER, 311).

Hoje há mais de 50 anos que a Capital foi inaugurada, ainda sente-se a necessidade de pensar as contradições que a cidade apresenta desde os tempos de sua construção, uma vez que, há uma grande distância entre a Cidade planejada e a cidade Real. E, apesar de, haver tentativas de reescrever a História a partir das memórias dos trabalhadores, sabemos que ainda há muito a ser feito.

Entender a migração através de narrativas de novos sujeitos é importante, pois nos fazem repensar a História de nosso país em uma perspectiva crítica que não anula o

sujeito no processo Histórico, o coloca em evidência, uma vez que, é a partir de suas experiências que será construído esse processo histórico. Sendo também, uma forma de dar visibilidade a esses trabalhadores pelo suor por eles derramado em nome de um projeto de Nação, por muito elaborados, um “Sonho de todo o País” que se materializa na Figura do Presidente JK, e que muitas vezes, “camuflava” a participação efetiva dos Construtores de Brasília, os chamados Candangos.

Escrever sobre “a lembrança dos excluídos do processo histórico, no caso os idosos, nos revela outro cenário dos espaços urbanos antes relatados apenas nos limites de versões oficiais” (JUCÁ, 2009, p.34). Sabemos que “As pedras da cidade continuarão falando do esforço de cultura desenvolvido por homens e mulheres que trabalharam. Que nela se esforçaram, brincaram, sonharam, sofreram, lutaram e resistiram. (BOSI, 1995, P. 15)

Portanto, as narrativas apresentadas por estes agricultores e trabalhadores, são antes de tudo, as representações de homens comuns do interior do Estado do Ceará acerca da História, as suas paixões e visões de mundo, sonhos, esperanças, que se manifestam nas suas falas sobre suas trajetórias de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena, *Ouvir contar: Textos em historia oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2004.p.196.

BORGES, Viviane Trindade. **As falas gravadas pelos outros: fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, inquietações da história do tempo presente** . Diálogos (Maringá. Online), v. 16, n.2, p. 663-676, mai.-ago./2012.

BOSI, Ecléia. Memória e sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo. 4ª ed. Editora SCHWARCZLTD.A.1995.

CARDOSO, H. H. P. Memórias de um trauma: o massacre na GEB (Brasília – 1959). In: FENELON, D. R. et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004, -173-190.

CARVALHO, Wladimir. *Conterrâneos Velhos de Guerra*. Filme documentário, 1990.

J. REIS. Reinaldo de Lima. *Cidade, Trabalho e Memória: Os trabalhadores da construção de Brasília. (1956-1960)*. Belo Horizonte, 2008.p

JUCÁ, Jisafran Nazareno Mota. *Memórias Entrecruzadas: Experiências de Pesquisa*. Fortaleza, Ed UECE, 2009. P.215.

KHOURY, Y, A. *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história*. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004, p 116-138.

MILDER, C.; CASALI, Caroline. JK: a construção do mito antes da minissérie global. *Revista Anagrama* (USP), v. 4 n.2, p. 1-10, 2010.

NONATO, Alexandre. *Análise das notícias sobre o incidente na Pacheco Fernandes em Brasília e as consequências da ausência do jornalismo*. Intercon - Sociedade brasileira de Estudos interdisciplinares da comunicação - Curitiba, PR, 2009. P. 01-15.

- OIIVEIRA, Juscelino Kubitschek. Por que construí Brasília. Brasília: Rio de Janeiro: Bloch editores S.A.1975. P.477.
- REITAS, Sônia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: humanistas, FFLCH, USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- SALES, T. B..Canudenses na cidade de São Paulo: trajetórias. In: Gisafran Nazareno Mota Jucá. (Org.). Memórias entrecruzadas: experiências de pesquisa.. Fortaleza: EdUECE, 2009, v. 1, p. 09-20
- SCHIMMIDT, MARIA AUXILIADORA, CAINELLI Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Editora Sinopse, 2004. . Maria do Pilar AraújoVieira, Maria do rosário da cunha Peixoto, Yara Maria AunKhoury. **A pesquisa em História. SãoPaulo** .1ª ed. Editora Ática,1989.
- SCHNEIDER, Wolf. História das Cidades de Babilônia a Brasília, 3ª ed. Editora A.S.p.
- SOUSA, **Nair Heloisa Bicalho**. Memória dos trabalhadores da construção civil de Brasília.
- Disponívelem:unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/.../acessado em 22 de dezembro 2012.
- VIDESOTT, Luisa. Os Candangos. São Carlos: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, 2008, p. 28. Disponível em http://www.arquitetura.eesc.usp.br/revista_risco/Risco7-pdf/02_art02_risco7.pdf. Acessado em 25 junho. 2012.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. A pesquisa em História. São Paulo. 1ª ed. Editora Ática, 1989. P.78.
- VILLA, Marco Antônio. Vida e Morte no Sertão: História das secas nos séculos XIX e XX. São Paulo, Ed Ática, 2001.p. 269.

Sites

- <http://www.brasilia50anosdeceara.com.br/index.php/clipping/70-forca-e-garra-dos-cearenses-na-construcao-da-capital-federal>. Acessado em 17/03/2014.
- <http://www.brasilia50anosdeceara.com.br/index.php/clipping/72-21-de-abril-de-1960?tmpl=component&print=1&page>. Acessado em 17/03/2014.

Fontes Orais

- Entrevista realizada com **Benedito Teles Moreira**, em sua residência em Araquém, em 28/08/2011.
- Entrevista realizada com **Carlito Teles Cardoso**, em sua residência em Araquém, em 28/08/2011.